



Revista Transdisciplinar

Uma oportunidade para o Livre Pensar

Vol. 18 - Ano 10 - Nº 18 – 2º semestre/2021
<http://revistatransdisciplinar.com.br/>

ISSN 2317-8612
www.artezen.org

2 – O PAPEL DAS PANDEMIAS EM GRANDES MOMENTOS HISTÓRICOS

Luiz Afonso Simoens da Silva*

Introdução

Uma observação superficial de fenômenos excepcionais ocorridos no mundo, neste início de século XXI, apontou para o advento da pandemia da Covid 19, a partir de 2020, a maior em cem anos contados desde a Gripe Espanhola (1918/1919). O curioso nos dois casos de crises sanitárias foi seu advento praticamente como sequência de dois momentos graves da História: a 1ª. Guerra Mundial de 1914/1918 e a Crise Econômica Mundial iniciada em 2007/2008.

Nada a ver? Mera coincidência? Como fala o passado? Há exemplos parecidos em outros momentos-chave da trajetória humana? De forma rápida, este texto lança um olhar para os dois casos, mas só depois de mencionar dois outros, Atenas e Roma, ocorridos na Antiguidade Clássica, e mais um, o pior de todos, a Peste Negra, na Idade Média.

Atenas e a Guerra do Peloponeso

Por volta de 434 a.C., começou a guerra que confrontou a poderosa Atenas (líder da Liga de Delos) a sua velha rival Esparta (líder da Liga do Peloponeso). Potência expansionista, Atenas controlava regiões produtoras de cereais e dominava o comércio marítimo do mar Egeu. Sua superioridade naval lhe assegurava o acesso às mercadorias estrangeiras que eram essenciais ao equilíbrio interno da cidade-estado (Gurgel, p.1/4). Como ensina a

História, poderes em processo de crescimento tendem a esbarrar em rivais, o que ocorreu quando Atenas começou a avançar no mar Jônio. Sua busca por subordinar cidades da Liga do Peloponeso levou Esparta à Guerra.

Não foi a primeira guerra entre as duas cidades-estado, mas foi a decisiva. Atenas, então comandada por Péricles, contava com a força de sua marinha e com os recursos do tesouro da Liga de Delos. O exército de Esparta era mais poderoso.

A estratégia de Péricles envolvia a intensificação do comércio naval, que continuava a trazer as mercadorias necessárias à população. Por isso, o cerco de Esparta não parecia preocupar as elites atenienses; a expectativa era de que os invasores espartanos acabariam por esgotar suas forças e se retirar.

Ocorre que Atenas podia se sentir segura, mas o mesmo não ocorria com as regiões circunvizinhas, que viam todas as suas produções serem destruídas pelo exército inimigo. A única solução para isso foi a transferência dessas populações em massa para Atenas. Resultado: a superlotação da cidade e a fome dos recém-chegados parecem ter dado início a uma epidemia, que se supõe ter sido de tifo e começado em 428 a.C. (Rezende, 2009, p.2). Para isso, Atenas não havia se preparado. A estratégia de Péricles ruiu, o grande líder da democracia

* Economista graduado pela Universidade Federal do Rio de Janeiro em 1970. Mestre em Finanças pela Fundação Getúlio Vargas de São Paulo (FGV-SP) e doutor em economia pela Unicamp. Aposentado, trabalhou vinte anos no Banco Central, no Departamento Econômico e na área internacional, especialmente em assuntos financeiros. Foi professor de economia brasileira e teoria do valor-trabalho na FGV-SP. Autor do livro *Moeda e Crise Econômica Global*, editora Unesp, 2014. Membro do Grupo de Conjuntura Internacional da Universidade de São Paulo (Gacint-USP). E-mail: simoens@uol.com.br.

grega foi destituído em meio a uma crise política, depois reempossado e, para não avançar muito em detalhes, acabou morrendo pela própria epidemia. Anos se passaram, alguns novos líderes tentaram resistir aos invasores, mas fome e doença fizeram Atenas se render em 404 a.C. Ela não mais voltou à importância pretérita, também porque, nos anos 200 a.C., Roma conquistou toda a Península Grega.

A Queda do Império Romano do Ocidente

O historiador inglês Edward Gibbon, 1737/1794, escreveu uma obra muito criticada em seu tempo, mas que se tornaria clássica: *Declínio e Queda do Império Romano* (Gibbon, 2005). Nela, ele buscou entender como o grande Império foi gestado, mas, principalmente, como foi destruído.

A Roma republicana teve seu nascimento mítico ocorrido por volta de 753 a.C. e foi substituída pelo Império poucas décadas antes da era cristã, com a ascensão de Augusto. Aquele foi um período de expansão territorial. As conquistas militares se deveram às características primordiais de seus habitantes: rigor familiar com dominância do *Pater Familias*, frugalidade nos costumes, força física de uma população jovem.

Na época de declínio do Império, nos anos 400 d.C., o quadro era diverso. Ataques de inimigos externos aconteciam havia mais de um século, com consequente deterioração da vida nas províncias: miséria da população, gastos públicos além da conta para manutenção de exércitos, exploração da plebe por imperadores que viviam no fausto, motins constantes, diminuição da população que abandonava seus campos. A isso se somou, soube-se recentemente, uma epidemia de malária.

Da leitura de Gibbon, fica a ideia de que a República não foi uma sociedade tolerante. A força de uma população jovem permitiu conquistas territoriais, mas mostrou-se rígida nos costumes, com predominância incontestada da figura do patriarca. Na decadência, ao contrário, o envelhecimento da população permitiu moral mais tolerante nos costumes da classe dominante, com as mulheres adquirindo direitos sociais bastante avançados para a época, e desenvolvimentos expressivos na cultura e nas artes, mas a fragmentação da sociedade era, apenas, uma questão de tempo. E o tempo

acabou para o Império Romano do Ocidente em 476 d.C.

Qual terá sido o peso da epidemia de malária? O que cientistas verificaram veio de restos humanos enterrados em três cemitérios italianos, que datam dos três primeiros séculos da era cristã. Outros relatos falam da Peste Antonina, que surgiu no século II d.C. durante o governo de Marco Aurélio, imperador da linhagem dos antoninos, que devastou Roma em 166 d.C. Suas características pareciam ter semelhança com a Peste de Atenas; vale dizer, com o tifo. O mesmo se deu no século III, nos anos de 251 a 266 d.C. “Em Roma e em certas cidades da Grécia, morriam até 5.000 pessoas por dia” (Rezende, p.77). Tifo de novo? Pior que a Covid atual no Brasil?

A Peste Negra

Segundo vários relatos, esta foi a maior e mais trágica epidemia da História. Originária da Ásia Central, a peste bubônica causou cinco milhões de mortes na Mongólia e Norte da China, em 1334. Em 1347, ela alcançou a Crimeia, a Grécia e a Sicília. Em 1348, matou a maior parte da população de Marselha e chegou ao norte da Itália, de onde se disseminou para toda a Europa. Ao todo, teriam sido 50 milhões de mortos.

Castigo divino? Por ignorância, superstição, cinquenta mil judeus foram mortos. O impacto sobre a vida em comunidade foi tão profundo que as cidades e campos se despovoaram e a produção agrícola colapsou, resultando em escassez de alimentos e de bens de consumo. A nobreza empobreceu e houve ascensão da burguesia que explorava o comércio. Também a Igreja se enfraqueceu com a redução do clero e houve mudanças nos costumes e no comportamento das pessoas (Rezende, p. 78/81). Tudo parece indicar que este foi um caso em que a peste precedeu a economia e a desarticulou, promovendo fortes alterações na própria estrutura social, demográfica, cultural e religiosa da Europa.

A Gripe Espanhola ou Influenza

A primeira metade do século XX foi pródiga na questão da barbárie. As potências colonialistas do Ocidente se esmeraram na violência, o que sempre fazem quando seus interesses maiores são postos em xeque. A 1ª. Guerra Mundial (1914/1918) foi um bom

exemplo da extensão da dor imposta aos combatentes e aos mais frágeis nas lutas pelo fim dos impérios coloniais. Centrada especialmente na Europa, estima-se em cerca de vinte milhões de soldados mortos. Quantos terão sido os civis abatidos?

Falsamente chamada de Gripe Espanhola, a epidemia provinha dos Estados Unidos e se espalhou pela Europa logo após o final da 1ª. Guerra Mundial, quando as tropas foram desmobilizadas (Goulet, p.4). Alguns falam em vinte milhões de mortos, outros em cinquenta milhões. Vinte ou cinquenta, a Gripe matou o mesmo tanto ou mais que o dobro dos mortos no conflito bélico.

A 2ª. Guerra Mundial (1939/1945) foi vista por muitos como uma continuação da anterior. O jovem Keynes, por exemplo, partilhou dessa ideia ao cobrir como jornalista a Paz de Versalhes (1919), de que resultou um texto magistral: “As Consequências Econômicas da Paz”. As reparações de guerra impostas à Alemanha foram de tal ordem, que Keynes (p. XXXIII/XXXVI) deixou claro que os primeiros passos para a segunda guerra estavam ali plantados. Continuação ou não, o novo conflito descortinou aspectos ideológicos nos beligerantes: o nazismo na Alemanha, o fascismo na Itália e o comunismo na União Soviética. Ela foi, também, travada num campo mais amplo de batalha, que envolveu não apenas a Europa, mas vastas regiões do Oriente. Fala-se de setenta a oitenta e cinco milhões de pessoas mortas, algo como 3% da população mundial. Cerca de cinquenta milhões dessas mortes teriam sido diretas pela guerra e outras dezenove ou cerca de trinta milhões por doenças e fome. Os números, evidentemente, devem ser tomados com um grão de sal, por terem sido recolhidos na Wikipédia, “Mortos na Segunda Guerra Mundial”, uma enciclopédia não autenticada.

A Pandemia da Covid

A primeira grande crise do século XXI teve um caráter eminentemente financeiro, ainda que fortes tenham sido seus reflexos em toda a economia mundial. Suas causas devem ser procuradas na instabilidade derivada da desregulamentação dos mercados financeiros, que substituiu as regras estáveis para câmbio, juros e movimentos de capitais

impostas ao final da 2ª. Guerra Mundial, no acordo de Bretton Woods (1944).

Sua primeira manifestação se deu sob a forma de uma crise no mercado imobiliário dos Estados Unidos, em 2007, que favorecia uso intenso e crescente de instrumentos financeiros especulativos. Um ano após, a crise se agravou com a falência do banco de investimentos *Lehman Brothers*. Paralelamente aos dissabores dos Estados Unidos, a crise se expandiu para o outro lado do Atlântico, entrando no continente pelas portas do Leste Europeu. Mais adiante, pelo mundo todo.

Não cabe aqui falar nos bilhões de dólares gastos pelos governos do Ocidente para debelar a crise. Cabe, no entanto, falar no descompasso estrutural entre o crescimento da renda e o da riqueza, o que equivale a mencionar a enorme desestruturação que a desregulamentação dos mercados provocou nas camadas menos protegidas da população mundial. Relatório da Organização das Nações Unidas (ONU), de 2009, estimou um acréscimo de 50 milhões de pessoas desempregadas no mundo, de 2007 para 2009, e que 200 milhões de pessoas poderiam ser empurradas para a pobreza (Silva, 2014, p.85).

A crise foi vista como terminada mais porque deixaram de falar nela do que por superação dos desequilíbrios estruturais, que ainda persistem. Quando isso ocorreu: 2016, 2017? Bem, os miseráveis continuam por aí. Não consta que tenha havido uma recuperação expressiva dos empregos e que a pobreza tenha caído, exceção feita à China, que tem inserido vastos segmentos de sua população na economia de mercado.

Tudo indica, porém, que a pandemia começou na China, no início de 2020. Ela se alastrou para todo o mundo e continua mostrando sua virulência na Europa e nas Américas. Depois de quase um ano de confinamento imposto por toda parte, ela recuperou e amplificou sua força por meio das mutações constantes de seus vírus.

É cedo para fechar o balanço. Muita água ainda vai rolar antes que se consiga debelar a peste. Números da Organização Mundial da Saúde, levantados em 12.02.2021, contabilizaram 107,4 milhões de infectados no mundo, com 2,4 milhões de mortos. As Américas foram as mais afetadas, com 45% dos casos e 47% dos mortos; a Europa veio

em seguida, com 34% dos casos e dos mortos; e o Sudeste Asiático, com 12% e 9%, respectivamente. No total, essas três regiões responderam por cerca de 90% dos eventos.

Considerações Finais

Os casos de Atenas e Roma parecem correlacionar as pestes a eventos catastróficos, embora simples de elucidar. Seja a Guerra do Peloponeso, seja o período conflituoso que antecedeu a queda de Roma, ambos apontaram para a fome e a miséria como “vetores” para o advento de epidemias que mudaram o curso da História.

Pode parecer que a Peste Negra seguiu um curso inverso, já que a intensidade com que atingiu a Europa praticamente afetou todas as instituições que a fundamentavam: demografia, cultura, religião, Estado. Nada lhe escapou. Seu surgimento na Ásia Central, porém, deve ter refletido as condições de vida em que viviam seus povos.

O surto de influenza ao final da Grande Guerra também não parece surpreender a qualquer observador qualificado. Uma guerra feroz, de aglomeração desmedida em trincheiras imundas, o que de bom poderia trazer para soldados desmobilizados, que voltavam para casa? E o que dizer de seus familiares? Bem, é mais compreensível a morte por volta de batalhas que por volta de baladas...

A Covid 19 parece ser apenas mais um caso recorrente da estupidez humana. Numa era que se pode denominar de “era do desconforto”, a grande crise econômica iniciada em 2007 explicitou os substanciais desequilíbrios financeiros que aprofundam o fosso entre os ricos e os miseráveis. Essa crescente consciência de que algo vai mal no reino do neoliberalismo se torna cada vez mais palpável à medida em que as elites estereis de plantão tentam, quase desesperadamente, impor as mesmas políticas destrutivas de que sempre se utilizaram no passado. Até quando elas conseguirão manter um sistema incapaz de atender as necessidades mínimas de uma população inquieta?

O importante é que, talvez, os enormes avanços científicos da era contemporânea nos livrem dos números astronômicos das epidemias do passado. Talvez não, ao menos em regiões negacionistas do Planeta, porque, ao contrário de todo senso, ao

avanço tecnológico não se seguiu uma evolução nas mentes. Muitos indivíduos ainda se submetem às superstições do passado e se recusam a tomar as vacinas, única rota de saída.

Vírus são oportunistas. Sempre estiveram conosco. Aparecem quando são cometidos grandes erros.

Referências

GIBBON, E. **Declínio e Queda do Império Romano**. 1ª. Edição Londres, 1776/1778. Editora Companhia das Letras, São Paulo, dez. 2005.

GOULET, D. **As Grandes Epidemias na História: da Resignação à Organização Sanitária**, Historiador da Medicina da Faculdade de Medicina da Universidade de Montreal. Tradução de André Leclerc, UNB/CNPq, Brasília, 2020.

GURGEL, R. **Guerra do Peloponeso – Esparta contra-ataca – Do expansionismo ateniense ao Tratado de Nícias**, p.1/4 (curso virtual de História Geral).

KEYNES, J.M. **As Consequências Econômicas da Paz**. Edição original de 1919. Editora Universidade de Brasília, 2002, prefácio à edição francesa, mar.1920.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). **Folha informativa COVID-19 – Escritório da OPAS e da OMS no Brasil**, atualizada em 12.02.2021.

REZENDE, J.M. **À Sombra do Plátano: crônicas de histórias da medicina – As Grandes Epidemias da História**. Professor emérito da Faculdade de Medicina da Universidade de Goiás e membro da Sociedade Brasileira de História da Medicina. Editora Fap-UNIFESP, São Paulo, 2009. Scielo Books, cap. 7, pg. 73/82.

SILVA, L.A.S. **Moeda e Crise Econômica Global**. Ed. Unesp, São Paulo, 2014.

WIKIPEDIA. **Segunda Guerra Mundial**. Pt.wikipedia.org/wiki/Segunda_Guerra_Mundial.